



***O TEMA HIV E AIDS (RE)PRODUZIDO EM FILMES INDICADOS NO LIVRO DIDÁTICO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS***

***EL TEMA VIH Y SIDA (RE)PRODUCIDO EN PELÍCULAS INDICADAS EN EL LIBRO DE TEXTO DE EDUCACIÓN DE JÓVENES Y ADULTOS***

***THE TOPIC HIV AND AIDS (RE)PRODUCED IN FILMS INDICATED IN THE YOUTH AND ADULT EDUCATION TEXTBOOK***

*Youry Souza Marques<sup>1</sup>*

*Joanalira Corpes Magalhães<sup>2</sup>*

**RESUMO**

Neste texto, o objetivo foi problematizar como os filmes indicados no livro didático da Educação de Jovens e Adultos de Ciências da Natureza e Matemática tratam a temática HIV e aids. Fundamentamos as discussões a partir dos Estudos Culturais pós-estruturalistas. Com a abordagem da Análise Cultural, as investigações nos conduziram a dois eixos de análise: (1) O discurso científico: filmes para o Ensino de Biologia e suas representações; e (2) Diálogos com o público da EJA: cruzamentos geracionais, trabalhistas e sexuais. A escola, por meio dos livros didáticos e de outras ações, é uma instituição que pode atuar na prevenção e disseminação de conhecimentos sobre a temática HIV e aids, promovendo espaços e debates potentes na articulação dos currículos escolares com os múltiplos espaços educativos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação de Jovens e Adultos. Livro Didático. Cinema. Ensino de biologia.

**RESUMEN**

En este texto, el objetivo fue problematizar cómo las películas indicadas en el libro de texto para la Educación de Jóvenes y Adultos en Ciencias Naturales y Matemáticas abordan el tema VIH y SIDA. Fundamentamos las discusiones a partir de los Estudios Culturales postestructuralistas. Con el enfoque de Análisis Cultural, las investigaciones nos llevaron a dos ejes de análisis: (1) El discurso científico: películas para la Enseñanza de Biología y sus representaciones; y (2) Diálogos con el público de la EJA: cruces

<sup>1</sup> Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Saúde (NUTES). Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

<sup>2</sup> Pós-doutorado em Educação (UFRGS). Professora Associada do Instituto de Educação e docente do PPG Educação em Ciências, na Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Rio Grande, RS, Brasil.

generacionales, laborales, sexuales. La escuela, a través de libros de texto y otras acciones, es una institución que puede actuar en la prevención y difusión de conocimientos sobre el VIH y SIDA, promoviendo espacios y debates potentes en la articulación de los currículos escolares y múltiples espacios educativos.

**PALABRAS-CLAVE:** Educación de Jóvenes y Adultos. Libro de texto. Cine. Enseñanza de biología.

#### **ABSTRACT**

The aim of this text was to discuss how the films indicated in the textbook for Young and Adult Education in Natural Sciences and Mathematics deal with the theme of HIV and AIDS. We based the discussions on post-structuralist Cultural Studies. With the approach of Cultural Analysis, the investigations led us to two axes of analysis: (1) The scientific discourse: films for Biology Teaching and their representations; and (2) Dialogues with the EJA public: generational, labor, and sexual intersections. The school, through textbooks and other actions, is an institution that can act in the prevention and dissemination of knowledge regarding the theme of HIV and AIDS, promoting powerful spaces and debates in the articulation of school curricula and multiple educational spaces.

**KEYWORDS:** Youth and Adult Education. Textbook. Movie theater. Biology teaching.

\*\*\*

### **Introdução**

Neste artigo, focamos nosso olhar no HIV (Vírus da Imunodeficiência Humana) e na aids (Síndrome da imunodeficiência adquirida) situados no campo escolar. Partindo disso, pensamos a escola como uma grande arena das relações humanas no contexto específico do ensino e da aprendizagem, que nos proporciona dar vazão a uma série de diálogos, encontros, imagens, sons e siglas com os quais podemos nos deparar, desde uma despreziosa caminhada pelos corredores de uma escola até mesmo nos traços, rabiscos e desenhos das portas dos banheiros. Bem como nos recursos pedagógicos, sejam eles livros didáticos e/ou paradidáticos. Luís Henrique Sacchi dos Santos e demais colaboradoras, indicam que há uma variedade de locais e práticas que por vezes são banalizadas apenas para o entretenimento, diversão ou para o lazer, dentre eles, assistir filmes, ver documentários, ouvir letras de músicas (Santos et al, 2005), mas quando utilizadas em sala de aula são pedagógicas, pois falam sobre gênero e sexualidade.

Para contextualizar a temática em questão, cabe destacar o quanto o surgimento da aids e o aumento da incidência da infecção pelo HIV instalaram uma das crises de saúde mais devastadoras da história moderna e fora de controle em meados de 1990, afetando milhões de pessoas em todo o mundo, conforme apresenta Richard Parker e Jane Galvão (1996). Globalmente, o HIV e a aids já causaram milhões de mortes, principalmente nos

países em desenvolvimento, e provocaram desafios sociais, econômicos e sanitários significativos. No Brasil, a resposta à epidemia se destacou por políticas públicas inovadoras, como o acesso gratuito a medicamentos antirretrovirais, que contribuíram para a redução da mortalidade e a melhoria da qualidade de vida das pessoas infectadas. Entretanto, o estigma e a discriminação persistem como barreiras, impulsionados pela bancada religiosa, seja pelo veto orçamentário ou por outras estratégias nefastas, o que requer a necessidade de contínua conscientização e esforços para trazer visibilidade ao tema.

Neste sentido, ao considerar como tais temas adentram o espaço escolar, devemos lembrar que foi após o advento do HIV e da aids, nas décadas de 1980 e 1990, que algumas mudanças ocorreram, cabendo à escola e ao currículo produzir saberes escolarizados. Vemos, assim, nos registros complementares dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), em relação à qualidade de vida das populações humanas, uma indicação para “elaborar explicações para os dados a respeito da evolução, na última década, em particular no Brasil, da incidência das DST, particularmente a AIDS, entre homens e mulheres de diferentes faixas etárias” (Brasil, 1998, p. 45).

Conforme Paula Regina Costa Ribeiro (2002) e Helena Altman (2001), foi pelos PCN de 1995 que a proposta da orientação sexual foi instituída por meio dos temas transversais. Neste local do documento supracitado, encontramos o eixo *Prevenção das Doenças Sexualmente Transmissíveis/AIDS*. Na perspectiva da transversalidade do conteúdo, é indicado que “na discussão das doenças sexualmente transmissíveis/AIDS, o enfoque precisa ser coerente com isso e não acentuar a ligação entre sexualidade e doença ou morte” (Brasil, 1997, p. 325). Além disso, outros trechos visavam à promoção da saúde, à atualização dos dados sobre aids e às recomendações para o incentivo dos docentes a promoverem condutas preventivas entre os estudantes.

Atualmente, após a transição 2017/2018, contamos com o tema HIV e aids sendo apresentado nos currículos de Ciências e Biologia não mais pela política pública de maneira pedagógica indicada nos PCN, visto que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) alcançou uma posição determinista em escala nacional. Na BNCC, observamos este tema em alguns trechos, conforme destacamos a seguir: Ensino Fundamental e Ensino Médio, respectivamente:

(EF08CI09) Comparar o modo de ação e a eficácia dos diversos métodos contraceptivos e justificar a necessidade de compartilhar a

responsabilidade na escolha e na utilização do método mais adequado à prevenção da gravidez precoce e indesejada e de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST); (EF08CI10) Identificar os principais sintomas, modos de transmissão e tratamento de algumas DST (com ênfase na AIDS), e discutir estratégias e métodos de prevenção; (EF08CI11) Selecionar argumentos que evidenciem as múltiplas dimensões da sexualidade humana (biológica, sociocultural, afetiva e ética) (Brasil, 2017, p. 349); (EM13CNT207) Identificar, analisar e discutir vulnerabilidades vinculadas às vivências e aos desafios contemporâneos aos quais as juventudes estão expostas, considerando os aspectos físico, psicoemocional e social, a fim de desenvolver e divulgar ações de prevenção e de promoção da saúde e do bem-estar (Brasil, 2017, p. 557).

Cabe destacar que não somente a escola debate e educa sobre o tema HIV e aids; a mídia também o trata, o que segundo Parker e Galvão (1996) este último mais amedronta do que propriamente educa. Mas, podemos dizer que houve avanços nos modos de circulação de algumas informações, seja na linguagem, com a mudança de termos, seja em outras formas de profilaxia além do preservativo, como o uso da Profilaxia Pré-Exposição ao HIV (PrEP)<sup>3</sup> ou Profilaxia Pós-Exposição (PEP). Baseado em dados estatísticos globais do Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV e Aids - UNAIDS, vemos que houve progresso, uma vez que houve redução de 68% nas mortes relacionadas à aids desde o pico em 2004; e desde 2010, essa diminuição chegou a 52%. As novas infecções por HIV também tiveram suas taxas reduzidas. Desde 2010, novas infecções diminuíram 32%, de cerca de 2,2 milhões para 1,5 milhão em 2021. No contexto brasileiro, “[...] em 2019, foram diagnosticados 41.909 novos casos de HIV e 37.308 casos de AIDS”, com o registro de “10.565 óbitos por causa básica AIDS” (Brasil, 2020, p. 8).

Apesar disso, há inúmeros indicativos de que a desinformação continua a exercer um papel significativo na contemporaneidade. Um exemplo notável é uma *fake news* disseminada no Brasil, em uma *live* realizada no Facebook em 21 de outubro de 2021, que associava a vacina contra o coronavírus ao risco de desenvolvimento de aids, conforme relatado pelo site de notícias G1<sup>4</sup>. É importante destacar que essa desinformação, quando analisada no contexto, revela uma produção intencional de associações equivocadas, preconceituosas e problemáticas. Logo, provocou o

<sup>3</sup> Para sanar questionamentos, tais como: o que é? como funciona? quem pode usar? Sugerimos acesso ao site do governo em <https://www.gov.br/aids/pt-br/assuntos/prevencao-combinada/prep-profilaxia-pre-exposicao/prep-profilaxia-pre-exposicao>

<sup>4</sup> <https://g1.globo.com/saude/noticia/2021/10/25/inaceitavel-diz-associacao-medica-sobre-fake-news-de-bolsonaro-sobre-vacinas-e-hiv.ghtml>

posicionamento da Associação Médica Brasileira (AMB), que a classificou como inaceitável.

Já a Sociedade Brasileira de Imunologia (SBI) prestou esclarecimentos de que não há correlação entre o vírus que provoca aids e as vacinas contra a SARS-CoV-2. Lideranças políticas acusaram as afirmações como criminosas, recebendo duras críticas de personalidades de especialidades médicas do país, conforme a notícia mencionada. No entanto, uma *fake news* com esse teor tem uma disseminação assustadora no meio social devido aos discursos distorcidos sobre sexualidade, com efeitos irreversíveis por subsidiar o ódio, a intolerância e a falta de empatia, principalmente contra o grupo de pessoas homossexuais devido à sorofobia (espécie de preconceito, medo, rejeição e discriminação contra pessoas que vivem com o HIV).

Há casos em que o argumento de que ‘pegar aids’ e morrer é usado como forma de ofender pessoas exclusivamente por sua identidade sexual, como noticiado pela página de entretenimento *SitePheeno*.

O rapper Uncle Murda atacou de forma selvagem Lil Nas X em sua mais nova faixa, batizada de “Rap Up 2021“. [...] No trecho, o rapper declara: “Lil Nas X vai pegar AIDS e morrer como Eazy-E“, diz ele, citando o rapper Eazy-E, que morreu em 1995 após ser repentinamente hospitalizado e diagnosticado com AIDS. (Sitepheeno, 2022, n.p).

A maneira agressiva como o rapper Murda faz referência ao outro cantor se baseia no pressuposto de que, pelo fato do rapper, artista gay, cantor e compositor norte-americano Lil Nas X pelo seu modo de vida e práticas sexuais estaria condicionado em uma morte ocasionada pelos agravantes provocados pela aids. O verso proferido por Murda é certamente carregado de homofobia e sorofobia, além de reafirmar uma informação incorreta, uma vez que a aids não se “pega” diretamente, conforme dito. O que ocorre é que se contrai o vírus (HIV), que, em estágio avançado, provoca a aids. É válido lembrar que, se chega a esse estágio quando não são utilizados os medicamentos antirretrovirais como auxiliares para evitar o enfraquecimento do sistema imunológico.

Apresentamos esses artefatos culturais para refletir sobre o quanto esses outros espaços (exemplos: redes sociais/reportagens; trechos de músicas, documentos oficiais) são educativos, pois circulam e veiculam questões sobre HIV e aids. De modo específico, conforme destaca (Ribeiro, 2002, p. 66) em sua tese, “[...] o conhecimento sobre AIDS já circula no espaço escolar, seja pela mídia [...], seja pelos alunos que têm parentes ou conhecidos com o vírus ou, quando não, por alunos com AIDS”.

Na educação escolarizada, essa circulação ocorre por meio dos livros didáticos de Ciências e Biologia, que há algum tempo já incluem o tratamento sobre vírus, preservativos, infecções, sistemas sanguíneos, vulnerabilidade social, entre outros. Não é difícil encontrar nesses artefatos a indicação de sites e/ou filmes, geralmente nos blocos ou partes complementares ao fim dos capítulos, como atividades de pesquisa para ampliação dos conhecimentos sobre um determinado assunto, tema ou tópico, pois como anunciava Marisa Lajolo (1996, p. 5) “livros didáticos contêm textos informativos (sobre Ciências [...]) aos quais se seguem exercícios e atividades”. Em adição, ao explicado por Lajolo (1996), são livros didáticos aqueles que apresentam exercícios de síntese, questionários a serem respondidos em um rol de possibilidades didáticas sugeridas pelo próprio material ou como proposições a partir dos/as professores/as.

Sabendo disso e tendo em vista que o presente estudo está pautado em artefatos culturais destinados ao público escolar da modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA), e que sobre esses livros didáticos “É fundamental que seu conteúdo não esteja alienado do contexto histórico, social e cultural”, segundo Lourdes Maria Campos Corrêa (2017, p. 139). Focamos com maior afinco nesses locais (partes complementares) nos livros didáticos de Ciências da Natureza e Matemática da EJA para selecionar filmes que tratam de HIV e aids, ali indicados, como nosso objeto de estudo.

Em síntese, é relevante destacar que a Educação de Jovens e Adultos (EJA) constitui uma modalidade educacional voltada para estudantes fora da faixa etária considerada regular para escolarização, seja por não terem tido acesso ao ensino fundamental e médio, seja por não terem concluído essas etapas por outros motivos. Do exposto por Rones de Deus Paranhos e colaborardes/as (2020), são os indivíduos com 15 anos ou mais, incluindo jovens, adultos e idosos, a EJA possibilita a retomada/continuidade dos estudos.

Espera-se que para a supracitada modalidade seja oferecida materiais adequados, flexibilização de horários e metodologias harmônicas às especificidades desse público, promovendo maior inclusão social e contribuindo para a redução das desigualdades, o que é fundamental para o pleno exercício da cidadania. E não reiteração e/ou maquiagem mal feita do que historicamente é servido à mesa da EJA ao ser “refém das centralidades metodológicas, adaptações, transitoriedades e concepções de formação aligeirada atrelada à educação escolar” (Paranhos *et al*, 2020, p. 14).

Pautando-nos pela indicação de produções cinematográficas nos livros didáticos distribuídos pelo Programa Nacional do Livro Didático e do Material Didático (PNLD), podemos verificar que este tipo de artefato dá suporte à Lei 13.006, de 26 de junho de

2014, que estabelece: “A exibição de filmes de produção nacional constituirá componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola, sendo a sua exibição obrigatória por, no mínimo, 2 (duas) horas mensais” (Brasil, 2014). Esta lei estabelece que as cineatividades devem fazer parte das práticas escolares, e, de certa forma, ao delimitar a produção nacional, valoriza os vínculos entre a educação e o cinema brasileiro.

Entretanto, conforme Diogo José de Moraes Lopes Barbosa e Guilherme Barbosa Schulze, é preciso estar atento/a ao que estabelece a lei supracitada, devido a discussões e compreensões não especificadas.

De acordo com a lei em questão, por exemplo, a responsabilidade de conduzir essas experiências, no caso das exibições, não fica clara. O documento não explicita quem deve mediar as sessões de cinema e mesmo, quais objetivos pedagógicos devem ser alcançados. O filme, neste caso, deve ser visto enquanto obra artística onde o estudo dos seus códigos é priorizado ou ele irá funcionar como instrumento facilitador para o conteúdo de outras disciplinas ou temas diversos? (Barbosa; Schulze, 2018, p. 293).

A crítica quanto à falta de evidência sobre alguns pontos da lei, bem como às questões em aberto apontadas por Barbosa e Schulze (2018), expressa a necessidade de uma maior valorização do cinema no âmbito escolar, contribuindo para o cumprimento assertivo da mencionada lei.

Diante disso, temos como objetivo problematizar como os filmes indicados no livro didático de Ciências da Natureza e Matemática da Educação de Jovens e Adultos tratam a temática HIV e aids, a fim de discutir a promoção desse debate nessa modalidade de ensino. De modo mais específico, buscamos: (1) analisar as representações (re)produzidas nos filmes quanto ao HIV e à aids no componente curricular de Biologia; e (2) discutir as implicações das indicações de filmes sobre HIV e aids contidos no livro didático para o público estudantil da Educação de Jovens e Adultos.

É válido lembrar que a Educação de Jovens e Adultos (EJA), como modalidade de ensino, é historicamente negligenciada. Logo, investigar os artefatos apresentados e indicados para esses sujeitos é valorativo, pois visibiliza produções que pouco são investigadas no domínio científico. Conforme explica o autor Youry Souza Marques (2021), por meio de um levantamento sistematizado sobre livros didáticos e EJA em bases como a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), com centralidade nos livros de Ciências e Biologia, constatou-se que os interesses dos/as estudiosos/as sobre gênero, corpo e sexualidade não recaem sobre os materiais destinados à EJA,

evidenciando uma escassez de trabalhos quando o descritor EJA é incluído. Marques (2021, p. 68) em ampliação afirma “Nenhum trabalho foi apresentado nos GT 18 e 23, ao longo do intervalo de 13 anos (2007-2019), em Reuniões Anuais da ANPEd com foco em livros didáticos de Ciências e/ou Biologia da EJA.” ao fazer menção aos grupos de trabalho GT18 - Educação de Pessoas Jovens e Adultas GT23 - Gênero, Sexualidade e Educação. Buscas rápidas e preliminares com descritores como "HIV" OR "AIDS" AND "EJA" e "HIV" OR "AIDS" AND "artefatos culturais" apontam para um baixo número de trabalhos nas mesmas plataformas, cerca de 14 trabalhos ou até mesmo nenhum registro encontrado em algumas combinações de descritores, de 2010 a 2021, dado o foco deste estudo.

Outro ponto é o recorte temático feito sobre HIV e aids, um assunto de interesse para a educação escolarizada em Biologia, que também ganha outras formas de ensino quando presente em produções cinematográficas, como os filmes. Ao articular Educação e Estudos Culturais, torna-se contributivo por avançar mais um ponto no campo do debate educacional, uma vez que os livros didáticos apontam para a ampliação do debate da temática por meio da indicação de outros artefatos culturais, tendo em vista as problemáticas recorrentes e atuais relacionadas ao ensino na/para a Educação de Jovens e Adultos.

É preciso mencionar que este trabalho está estruturado em quatro partes. Inicialmente, apresentamos a introdução. Na segunda parte, abordamos o aporte teórico e metodológico, com os elementos que fundamentam a leitura dos artefatos e os caminhos analíticos utilizados. Em seguida, na terceira parte, evidenciamos a análise e discussão realizadas. Por fim, nas considerações finais, fazemos um apanhado geral da investigação.

### **Aporte Teórico e Metodológico: um sobrevoo nos Estudos Culturais, Pedagogias Culturais e Educação**

Os Estudos Culturais pós-estruturalistas têm como foco questões que se situam na conexão entre cultura, significação, identidade e poder. A cultura, assim, se constitui como um campo de produção de significados no qual os diferentes grupos sociais, situados em posições diferenciais de poder, lutam pela imposição de seus significados à sociedade. Conforme Tomaz Tadeu da Silva (2005, p. 133-134), “a cultura é um campo onde se define não apenas a forma que o mundo deve ter, mas também a forma como as pessoas e os grupos devem ser”.

Marisa Vorraber Costa, Rosa Hessel Silveira e o pesquisador Luis Henrique Sommer (2003, p. 54) argumentam sobre os Estudos Culturais em Educação, afirmando que “[...] constituem uma ressignificação e/ou uma forma de abordagem do campo pedagógico em que questões como cultura, identidade, discurso e representação passam a ocupar, de forma articulada, o primeiro plano da cena pedagógica”. Portanto, entendemos que ter um olhar cultural sobre livros didáticos dispostos no contexto escolar, com foco nas indicações de filmes que neles estão inseridos, é adequado para tal investigação. As autoras e o autor ressaltam que instâncias relacionadas à cultura devem ser alvo de estudo, dada a expansividade que a cultura possui por suas diversas entradas na vida social.

Para Rosa Maria Bueno Fischer (1997), as produções cinematográficas, como meios midiáticos, detêm alcances significativos em termos tecnológicos, uma vez que seus discursos recebem camadas de efeitos ampliadas e com maior força. A autora acrescenta que esses efeitos são radicalmente diferentes dos discursos veiculados por livros didáticos ou regulamentos disciplinares escolares, pois são outras as estratégias de endereçar, acessar e comunicar os sujeitos. É nesse contexto que podemos considerar as pedagogias culturais contidas nos filmes. Assim, entendemos que tais produções, que visam o entretenimento dentro de uma lógica capitalista de produção, venda e consumo, podem ser pensadas também como educativas no contexto formal e não formal.

Assim, nosso foco está nos múltiplos processos de ensino e aprendizagem envolvidos na experiência de assistir a um filme. Sabendo que esse tipo de produção midiática, conforme Joanalira Magalhães (2014) é capaz de proporcionar ensinamentos sobre como ser e estar na sociedade dentro do enredo das pedagogias culturais, criaremos diálogos sobre as temáticas de HIV e aids, valorizando a vida no contexto da educação.

Para isso, tomaremos os filmes indicados no livro didático da Educação de Jovens e Adultos como artefatos culturais, os quais podem ser definidos como “[...] artefatos produtivos, práticas de representação, que inventam sentidos que circulam e operam nas arenas culturais onde o significado é negociado e as hierarquias são estabelecidas” (Costa; Silveira; Sommer, 2003, p. 23).

Os esforços metodológicos empregados neste trabalho estão alinhados ao que propõem Dagmar Estermann Meyer e Marlucy Alves Paraíso (2012, p. 16), que entendem metodologia “como um certo modo de perguntar, de interrogar, de formular questões e de construir problemas de pesquisa que é articulado a um conjunto de procedimentos de

coleta de informações”. Esse modo de fazer pesquisa, junto a estratégias específicas de descrição e análise, pode proporcionar uma visão mais evidente dos artefatos em análise.

Sendo assim, a análise cultural foi escolhida para este estudo, acompanhando o que Silva (2010) escreve sobre essa perspectiva metodológica. Para o autor, é na interação social que ocorre a naturalização da junção entre o mundo cultural e o mundo social. Dito isso, adotamos a análise cultural conforme afirmado por Silva, visto que “[...] a tarefa da análise cultural consiste em desconstruir, em expor esse processo de naturalização” (Silva, 2010, p. 134). Portanto, analisamos sob essa lente e nos inspiramos em Stuart Hall (1997) para enriquecer a análise baseada nas representações. Hall (2016, p. 31) considera que “representação é uma prática essencial do processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre os membros de uma cultura. Representar envolve o uso da linguagem, dos signos e imagens que significam ou representam objetos.”

O livro didático escolhido para a busca por indicações de filmes que tratam de HIV e aids foi o volume de Ciências da Natureza e Matemática da coleção Viver e Aprender, produzido pela Global Editora. Este livro abrange os campos disciplinares de Biologia, Física, Química e Matemática em um volume único. Distribuído em 2014 pelo Governo Federal para escolas públicas brasileiras, foi recomendado para redistribuição em 2017 devido à ausência de novos livros para o nível do ensino médio pelo Programa Nacional do Livro Didático para a Educação de Jovens e Adultos (PNLD-EJA). Assim, não estabelecemos um recorte temporal ou buscas em diferentes livros didáticos, visto que existe apenas um único volume de Ciências da Natureza e Matemática de 2014 (ano de edição do PNLD) até a data de redação deste estudo.

Após coletar um exemplar do livro didático escolhido em uma escola de educação básica que oferece a modalidade EJA no município de Uberlândia, localizamos, conforme a estruturação do material que está organizado da seguinte forma: Etapa 3, Unidade 1 – Ciência e Produção, no capítulo 6 intitulado Mudanças na Saúde ao Longo da História, no componente curricular de Biologia, página 397, dois filmes sobre o tema HIV e aids (Filadélfia e A Vida Continua), indicados na porção final do capítulo no box complementar *Para Ampliar Seus Estudos*. Esses filmes foram selecionados porque, na breve sinopse, anunciavam que tratavam do tema HIV e aids, dentre as 20 indicações de filmes presentes no livro didático supracitado.

As produções cinematográficas selecionadas abordam o tema HIV e aids, conforme explicitado na breve sinopse do livro didático. Assim, considerando que “É na construção da linguagem das peças audiovisuais que vão sendo delineadas as diferentes

estratégias comunicativas de formar e também informar” (Magalhães, 2014, p. 177), voltamos nosso olhar para o HIV e a aids nesses artefatos. Passamos agora a uma descrição mais específica e breve dos filmes que localizamos.

*Filadélfia*: O filme é uma produção americana, do gênero drama, lançado em 1993, com duração de 1h59min, dirigido e roteirizado por Jonathan Demme e Ron Nyswaner. A trama segue Andrew Beckett (Tom Hanks), um promissor advogado associado sênior do maior escritório de advocacia corporativa da Filadélfia, que é demitido quando descobrem que ele vive com HIV. Beckett contrata Jon Miller (Denzel Washington), um advogado negro que, além de defender Beckett, enfrenta seus próprios medos e preconceitos (Filadélfia, 1993).

*E a Vida Continua*: O filme é uma produção americana, do gênero drama, lançado em 1993, com duração de 2h21min, dirigido e roteirizado por Roger Spottiswoode e Arnold Schulman. Baseado em uma história verídica, o filme retrata os primeiros casos de aids e a epidemia que se espalhou nos Estados Unidos. A narrativa entrelaça as visões, posturas e ações da comunidade científica, destacando personagens de pesquisadores e do Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC). O filme também foca na comunidade gay de São Francisco, que busca respostas mais assertivas sobre a doença, à medida que enfrenta o fechamento de clubes, saunas e outros espaços frequentados predominantemente por gays (E a vida continua, 2022).

Para discutir a temática HIV e aids nos dois filmes selecionados, seguimos as seguintes etapas metodológicas: (i) assistimos aos filmes de forma livre para nos familiarizar com o conteúdo, marcando a minutagem dos trechos em que o HIV e a aids era abordado de forma direta ou objetiva; (ii) reassistimos aos filmes, revisando as marcações anteriores e anotando os intervalos em que as cenas discutiam o HIV e aids, de forma direta ou implícita; (iii) selecionamos trechos de falas e imagens capturadas durante as visualizações; e (iv) analisamos os trechos e imagens para identificar padrões de repetição, fragmentos particulares dentro de cada filme e comparações entre os dois.

Após esses movimentos, organizamos os dados produzidos em dois eixos analíticos a fim de estruturar a discussão das representações e abordagens do HIV e da aids nos filmes, sendo esses: (1) “O Discurso Científico: filmes para o Ensino de Biologia e suas representações!” no qual, discutimos como os filmes abordam os conteúdos do Ensino de Biologia a fim de atender o que está no currículo escolar; e (2) “Diálogos com o público da EJA: atravessamentos geracionais, trabalhistas e sexuais”, em que buscamos perceber quais diálogos são potentes para considerar as produções cinematográficas investigadas

como indicações para o público da EJA, tendo como propósito a discussão sobre o que pode ser ensinado acerca dos conhecimentos relativos ao HIV e à aids. Na seção subsequente, apresentamos a análise detalhada, destacando as problematizações e os padrões identificados.

### **Análise e Discussão dos Filmes**

#### *Eixo 1 – O Discurso Científico: filmes para o Ensino de Biologia e suas representações*

Talvez a primeira e mais imediata provocação que surgiu ao nos depararmos com a indicação dos filmes foi pensar: quais elementos fazem com que tais produções cinematográficas sejam indicadas dentro de um livro didático para o contexto escolarizado? Assim, tendo em vista a centralidade que damos ao investigar o tema HIV, bem como aids, e aguçados por tal questionamento, passamos a perceber que, nos filmes, há diferentes formas de cumprir o que requer o currículo escolar no que tange aos conteúdos do Ensino de Biologia.

Com as produções cinematográficas analisadas, é possível contemplar algumas questões geralmente elencadas para o tema HIV e aids, quando os/as professores/as produzem seus planos de aula, como: explicar o que é o HIV e o que é a aids; o histórico em torno do HIV e da aids como síndrome; enumerar as formas de transmissão/contágio; explicar os sintomas da aids; estágios da virulência e diagnóstico. Os fragmentos que seguem, bem como as capturas de tela, dão base para demonstrar as articulações dos tópicos mencionados na perspectiva da saúde do organismo humano.

*(I) Personagem 1: "Sabemos, mas não podemos provar. O que temos aqui parece mais uma doença sexualmente transmitida do que a sífilis."*

*Personagem 2: "Acha ou prova?"*

*Personagem 2: "Deve ser um agente infeccioso de transmissão sexual" (E a vida continua, 1993).*

*(II) Pesquisador: "Esta doença não faz sentido! Eu não entendo, é completamente diferente. Um médico no Bronx avisou que há 11 bebês com a doença e agora os haitianos. Não é apenas uma doença homossexual" (E a vida continua, 1993).*

*(III) Dr. 1: "Sr. Dugas... teve relações sexuais com algumas dessas pessoas?"*

*Dr. 1: "Encontramos provas que sugerem que esta doença seja sexualmente transmitida" (E a vida continua, 1993).*

*(IV) Dra.: "Andy, o resultado do seu exame de sangue já chegou, eu já volto para conversarmos sobre isso, ok?"*

*Andrew: "Estarei aqui!" (Filadélfia, 1993).*

(V) Médico: "O vírus da aids só pode ser transmitido pela troca de fluidos corporais, como sangue, sêmen e secreções vaginais" (Filadélfia, 1993).

(VI) Advogado da empresa: "Sra. Benedict, como pegou aids?"

Depoente: "Numa transfusão. Eu perdi muito sangue no parto de meu filho" (Filadélfia, 1993).

(VII) Mãe: "O que a Dra. Gillman disse?"

Andrew: "Dra. Gillman disse que estou muito bem. Meu exame está excelente, disse que minhas células estão normais."

Andy: "E suas plaquetas, o que ela disse?"

Andrew: "As plaquetas estão bem!" (Filadélfia, 1993).

(VIII) Médico: "Quando chegou só tinha *Pneumocystis*, nada mais. Agora tem fungo na boca, verrugas sob os braços e estas micoses nas pernas. Seu cérebro apodrece por toxoplasmose, doenças de gatos" (E a vida continua, 1993).

Quando partimos da problematização alicerçada na questão de por que os filmes investigados são indicados no livro didático de Ciências da Natureza e Matemática, percebemos esse posicionamento no capítulo sobre *Mudanças na Saúde ao Longo da História*, especificamente no componente curricular de Biologia. Os trechos selecionados (I – VIII) de ambas as produções evidenciam que, dependendo do modo como se explora o conteúdo do ponto de vista do Ensino de Biologia, esses artefatos podem complementar a aprendizagem sobre HIV e aids, ao tratar sobre saúde.

Observamos, em diferentes momentos dos filmes, o quão enfáticos são, não só em relação ao roteiro por meio das falas dos personagens principais ou coadjuvantes, mas também pela apresentação de cenas em que os sintomas da aids são perceptíveis visualmente no corpo. Esse aspecto complementa a produção de sentidos, onde as imagens e os textos (falas/roteiro) interagem para criar uma compreensão mais abrangente do tema.

(I) Miller: *Bechett foi... é um advogado brilhante, excelente. Segundo: afligido por uma doença debilitante [...] O comportamento dos chefes de Andrew Bechett pode parecer razoável para mim, é! Afinal de contas, aids é uma doença mortal e incurável [...]* (Filadélfia, 1993).

(II) Paciente: *Agora tenho essa doença que ninguém ouviu falar, Sarcoma de Kaposi. Até meu médico teve que procurar. "Nada com que se preocupar", disse ele!* (E a vida continua, 1993).

(III) Miller: *Além das marcas em seu rosto, havia algum outro sinal que fizesse suspeitar que Andrew tivesse aids? Depoente: Bem, ele estava emagrecendo e parecia muito cansado às vezes, mas como ele trabalhava muito... mesmo assim, eu achei que havia algo errado, sabe [...]* (Filadélfia, 1993).

**FIGURA 1:** Personagens que apresentam sarcoma de kaposi<sup>5</sup> em partes do corpo.



**Fonte:** elaborado pelo autor.

Fragments dos textos (I - III) ressaltam a doença como debilitante, mortal e incurável, destacando também o desconhecimento (no contexto do filme) sobre o Sarcoma de Kaposi, além das marcas no rosto e os sinais de emagrecimento. Esses elementos oferecem embasamento para o discurso científico produzido naquele momento sobre a aids, representações demasiadamente vinculadas especialmente em aspectos clínicos, corroborado pelas cenas da Figura 1 (Hall, 2016). Cabe lembrar que este estudo adota pressupostos de uma análise cultural. Portanto, não podemos perder de vista o imaginário fortemente (re)produzido pela combinação de imagens e falas nessas produções do cinema americano, que refletiram seu tempo nas décadas de 1990, em um contexto de política pública ainda incipiente.

Ratificamos que os artefatos analisados reproduzem representações associadas ao imaginário de definhamento como uma sentença de morte em um corpo que apresenta sinais visíveis da infecção causada pelo HIV (Figura 1). Isso é semelhante à forma como a Revista *Veja* divulgou a imagem do cantor Cazuzza em 26 de abril de 1989, de maneira bastante perversa, com o título estampado na capa: “Uma vítima da AIDS agoniza em praça pública”.

Entendemos que as representações expressas nas cenas da Figura 1, bem como a menção à capa da revista, são registros que fazem parte da produção de sentido de um momento histórico em que a aids era amplamente visibilizada. Notamos aqui, e fundamentadas/os pelos ensinamentos de Costa, Silveira e Sommer (2003) o quanto as relações e estratégias próprias dos discursos se sobressaem e como essas formas de poder garantem a manutenção na produção de significados sobre o corpo humano.

<sup>5</sup> O Sarcoma de Kaposi é um tipo de câncer comum em pessoas com aids, que provoca o surgimento de manchas e lesões nos tecidos afetados, como a pele e mucosas.

Segundo Marques (2021, p. 170), o posicionamento das indicações de filmes em certas partes do livro didático “[...] aponta para conexões que o livro produz”. No entanto, é importante observar como esses filmes são indicados neste tipo de livro (no presente caso, como material complementar em um box denominado "Para ampliar os estudos"). Ressaltamos este alerta para evitar a reprodução de estereótipos e o aumento de estigmas, como a associação do vírus à ideia de doença e doente, e a representação da enfermidade, degradação e morte. Esses estigmas decorrem de uma tradição médico-higienista consagrada por formas de apresentação em jornais impressos, TV e outras mídias. Costa, Silveira e Sommer (2003), nos dão elementos para pensar sobre as maneiras articuladas que esses discursos e representações emergem no contexto pedagógico, assim notamos que requer estar atento/a e negociações e disputas nem sempre explícitas.

Diante do exposto, considerando que os filmes mencionados têm mais de 30 anos, compreendemos que educadores/as podem reinterpretar essas produções indicadas nos livros didáticos, atualizando o debate e ampliando o repertório com filmes contemporâneos, que abordam o HIV e a aids, contribuindo para a (re)produção de diferentes representações dessas temáticas, por exemplo: (1) discutir como hoje o discurso biológico sobre HIV e aids está sendo construído, em um momento em que pessoas vivendo com HIV podem ser indetectáveis/intransmissíveis<sup>6</sup>, ou seja, sujeitos que não transmitem o vírus pelo uso correto de antirretrovirais; (2) questionar quais seriam as implicações da estigmatização e do medo em relação às pessoas soropositivas; (3) como outros tratamentos e a perspectiva da cura podem ser discutidos em sala de aula quando o tema HIV e aids é o elemento central; (4) como a ciência e a tecnologia têm progredido para lidar com a juventude recém-diagnosticada com HIV?

Há uma série de outras discussões nas quais conhecimentos não hegemônicos são articulados nos filmes, como as questões de classe emergidas e sua interseccionalidade com a sexualidade, o pertencimento e a raça; a forma como a aids é retratada quando a mulher entra em cena; e as narrativas científicas sobre a história da ciência, mas também a influência da comunidade LGBTQIA+. Notamos que as possibilidades de debate não se esgotam, o que exige do mediador ou da mediadora coragem, atualização e compromisso profissional, bem como sociocientífico, sendo necessário como destaca Paranhos e colaboradores/as (2020, p. 11) que “o conhecimento biológico ensinado deve

---

<sup>6</sup> Para mais informações sobre saúde pública e supressão da carga viral do HIV, indetectável=intransmissível (i=i) [https://unaids.org.br/wp-content/uploads/2018/07/Indetect%C3%A1vel-intransmiss%C3%ADvel\\_pt.pdf](https://unaids.org.br/wp-content/uploads/2018/07/Indetect%C3%A1vel-intransmiss%C3%ADvel_pt.pdf)

proporcionar aos alunos da EJA a ampliação da leitura da realidade, bem como as possibilidades de intervir nela”. Assim, o discurso científico para o Ensino de Biologia será desestabilizado e articulado a problematizações em desobediência ao que um currículo espera.

*Eixo 2 - Diálogos com o público da EJA: atravessamentos geracionais, trabalhistas e sexuais*

Nos propomos a analisar, neste eixo, o que conseguimos destacar conforme íamos nos aproximando cada vez mais da temática com a qual nos debruçamos. Cabe dizer que buscamos fazer o exercício de perceber quais diálogos são potentes para considerar as produções cinematográficas investigadas como indicações para o público da EJA, tendo como plano principal a discussão sobre o que pode ser ensinado acerca dos conhecimentos relativos ao HIV e à aids. Defendemos, então, que o/a estudante jovem e adulto no contexto escolarizado possui características que os diferenciam, sendo necessário, conforme Rones de Deus Paranhos; Maria Helena da Silva Carneiro:

[...] ponderar as diferentes trajetórias do público, seus pertencimentos, suas motivações pela busca da educação escolarizada, compreendendo, inclusive, as contradições que possam se instalar nessa busca. Portanto, há um cenário diverso de sujeitos que constituem o público da EJA e que, por sua vez, traça um rol de demandas formativas muito heterogêneas, mas que têm como pano de fundo o direito humano de acesso à educação (2019, p. 11-12).

O pesquisador e a pesquisadora ao tecer reflexões sobre a natureza da especificidade do ensino sobre o conhecimento biológico para os/as educandos/as da EJA, nos conduzem a pensar em alguns atravessamentos que dizem muito sobre ser jovem, adulto/a ou idoso/a em meio à diversidade de sujeitos que precisam continuar ou retornar à escola, como estar inserido no *mundo do trabalho*, seja de caráter formal ou informal. Não perdendo de vista que, categorizações inflexíveis para se pensar estudante da EJA apenas como pessoas adultas e trabalhadoras é insatisfatório, nesse presente eixo analítico apenas capturamos a eclosão simbolizada em meio ao enredo, dado que interpretações distintas são múltiplas e próprias das questões levantadas nos filmes

Sobre esse ponto, assistimos no filme *Filadélfia* todo o enredo em torno do personagem principal, Andrew, um homem adulto gay que exerce sua profissão de maneira coerente como advogado em uma grande empresa. Todavia, ao ser acometido

por um quadro clínico avançado após infecção por HIV, ele é submetido a situações de discriminação em seu ambiente de trabalho devido à aids, o que ocasiona sua demissão.

Há em uma das primeiras cenas (Figura 2) em que um hematoma é visto no rosto de Andrew (localizado na testa) e notado pelos sócios da empresa. Nessa situação, Andrew se vê desconcertado ao ser questionado e, ao mesmo tempo, é surpreendido ao expressar uma resposta (inventada) que não está vinculada à sua saúde, como vemos no fragmento: “Sócio: O que foi isso aí na testa? [...] Andrew: Ahhhhh! Eu levei uma cacetada jogando tênis” (Filadélfia, 1993).

**FIGURA 2:** Andrew com hematoma inicial na parte superior de crânio (testa).



Fonte: elaborado pelo autor

Cronologicamente, o filme apresenta, como legenda, que, nove dias depois, outras manchas aparecem no rosto do personagem interpretado por Tom Hanks, com hematomas mais evidentes agora espalhados pelo nariz e nas laterais do rosto (bochechas), levando Andrew a usar maquiagem para deixá-las menos visíveis. O destaque dessa primeira cena nos leva ao desfecho ao qual Andrew chega como pessoa vivendo com HIV e aids, visto que é demitido. Em outra parte do filme, quando o caso é encaminhado para julgamento perante um juiz, vemos, no diálogo que segue, o quanto a advogada de defesa da empresa tenta vincular a saúde debilitada de Andrew à sua condição de homossexual, culpando-o.

- Advogada: Enquanto esteve empregado na Wyant Wheeler, fez todo o possível para assegurar que ninguém soubesse que você era um homossexual ativo, está correto? - Andrew: Não, isso não é correto, eu nunca menti sobre isso.

- Advogada: Um homossexual é constantemente forçado a esconder a sua sexualidade, não é mesmo? - Andrew: Em algumas circunstâncias, sim.

- Advogada: Não é verdade que passou a sua vida pretendendo ser algo que não é, tanto que a arte do ocultamento e da desonestidade se tornaram...

- Advogada: O senhor testemunhou que as lesões em sua face eram visíveis para as pessoas com quem trabalhava, certo? - Andrew: Sim, senhora!

- Advogada: E o senhor argumenta que, quando os sócios perceberam suas lesões, chegaram à conclusão de que o senhor tinha aids e o despediram, está correto?

- Andrew: Mesmo que seja doloroso acusar meus antigos colegas desse comportamento tão repreensível, essa é a única conclusão a que posso chegar (Filadélfia, 1993).

Dentro das estratégias de persuasão e acusação contra Andrew, a advogada atrela a identidade sexual dele à sua falta de moral, questionando sua decisão de esconder ser gay e, conseqüentemente, sua condição de saúde provocada pelas complicações da aids, enquadrando-o como desonesto. No diálogo no campo da EJA, essas relações podem ser estabelecidas com um sujeito adulto inserido em um ambiente laboral, pois Andrew é pressionado a expor, contar e confessar ter HIV e aids. Pelo modo como o enredo do filme é estruturado, notamos uma evidente culpabilização da pessoa que se infecta pelo vírus.

Uma pauta que visualizamos, embora esteja fora do enredo principal no filme, *E A Vida Continua*, dirigido por Roger Spottiswoode, é o fato de um dos personagens que se debruça sobre a face político-social como ativista no movimento de descoberta, sendo defensor e comunicador perante a comunidade gay local de São Francisco, ser um homem gay (Bill Kraus), mais velho (idoso), que mantém uma vida afetiva com outro homem (Kico) mais jovem.

Uma das características do público da EJA é a presença de um perfil heterogêneo no corpo discente, expresso de diferentes maneiras, incluindo a diversidade étnico-racial, de gênero, sexual, religiosa e de classe. Assim, o filme em nossa análise possibilita criar uma ponte para debater aspectos peculiares da sexualidade, abordando não apenas relações homoafetivas, mas também questões de afeto, desejo e prazer no contexto do envelhecimento.

O que buscamos aqui é situar um olhar frente aos filmes como artefatos da cultura. Conforme Joanalira Magalhães (2014, p. 175), “O uso de diferentes artefatos [...] possibilita à professora ou ao professor problematizar as diferentes representações e significados atribuídos ao corpo que circulam em nossa sociedade”. Nesse viés, educadores e educadoras podem promover espaços de ruptura ou mudança na realidade sociocultural por meio dos tensionamentos realizados a partir de uma produção filmica indicada em um livro didático. Na mediação de tais filmes, acreditamos que se pode construir outras representações, com o suporte de um arsenal linguístico verbal e não verbal. Para além disso, consideramos neste trabalho a colocação de Stuart Hall (1997), de que a linguagem pode ser encarada como toda forma de expressão, em que as coisas passam a ter significado, dado seu caráter transitório e incerto, ou seja, a linguagem não é apenas o texto letrado.

Diante disso, ao fornecer elementos relacionados a aspectos geracionais, indivíduos gays e idosos podem ser posicionados em um lugar diferente do já esperado, como corpos

que passam por influências do tempo em aspectos biossociais, de saúde física e psicológica.

Algo que também nos chamou a atenção, pelo fato de termos percebido uma única vez de maneira evidente e na parte final do filme *E a vida continua*, é quando o Dr. Don Francis menciona a educação como uma das estratégias em meio ao cenário de epidemia instaurado. O Dr. Don Francis é um dos protagonistas que investiga o surto causado pelo vírus que aumentou a taxa de mortalidade em áreas urbanas, principalmente entre gays. O trecho a seguir ocorre após uma série de controvérsias quanto aos créditos e registro de patente sobre a descoberta do HIV, envolvendo pesquisadores, grupos de pesquisa e laboratórios de diferentes países em meio aos centros de estudos:

<p>- Dr. Don Francis: Já encontramos o vírus, agora trabalhamos em um exame de sangue. Proponho o seguinte: (um relatório é entregue ao Dr. James Curran). <b>Prevenção, educação e cura!</b> - Dr. James Curran: 37 milhões por ano. Está fora da realidade. - Dr. Don Francis: Não, não está! É barato! São 15 centavos por pessoa para proteger toda a população. [...] - Dr. James Curran: Você não vai conseguir. Se pedir muito, vai ficar sem nada. Tente baixar para 4 ou 5 milhões.</p>	<p>- Dr. Don Francis: Não vou fazer isso. É um relatório honesto; envie-o! [...] - Dr. Don Francis: Está barato. Em alguns anos, precisaremos de bilhões na saúde. - Dr. James Curran: Vou enviá-lo! (E a vida continua, 1993, grifo nosso).</p>
--	--

Dr. James Curran faz as mediações para conseguir financiamento para o laboratório e custeio para os/as pesquisadores/as, como é apresentado no enredo do filme; por isso, essa cena ocorre entre eles. A discussão sobre quanto vale uma vida, quanto se deve investir financeiramente e as negligências políticas por ser um problema que afetou a comunidade gay são abordadas em toda a produção cinematográfica analisada. No entanto, o excerto supracitado menciona a educação como algo a ser levado em consideração quando a saúde da população está em risco.

Trazer para o contexto da EJA a importância de estudar o tema HIV e aids é uma forma de valorizar tanto o/a docente quanto o/a estudante, colocando este último em uma posição de responsabilidade compartilhada frente à sociedade. Embora se trate de uma produção fílmica internacional e não haja debate sobre o Sistema Único de Saúde (SUS)

do Brasil<sup>7</sup>, os fragmentos das falas do personagem Dr. Don, que mencionam a necessidade de bilhões para o cuidado com a saúde, oferecem uma oportunidade para contextualizar a relevância dessa política pública no Brasil. Sendo possível, inclusive, traçar críticas sobre como a saúde da população LGBTQIA+ tem sido pensada, implementada e fiscalizada, caso os investimentos em prevenção, educação e cura fossem inexistentes.

Não se restringindo às pontuações feitas neste eixo, chegamos à conclusão de que um olhar aguçado para a especificidade de se ensinar para a EJA pode atenuar as marginalizações que, historicamente, a modalidade educativa tem enfrentado. Com Paranhos e Carneiro (2019), partimos também de uma necessária superação do caráter adaptativo de meras técnicas de ensino metodológico para jovens e adultos no que diz respeito ao Ensino de Biologia. Portanto, frisamos que os modos pelos quais a escola oferece e visibiliza os artefatos culturais tornam-se relevantes, devendo alinhar de maneira significativa esses artefatos aos contextos sociais, à posição geográfica no Brasil e aos marcadores de geração, gênero, raça e sexualidade dos sujeitos escolares.

Por fim, interessa-nos, aqui, olhar nitidamente para o presente no que diz respeito à educação, ciência versus HIV e aids, e no foco pelo qual buscamos dar ao livro didático, uma vez que nos alinhamos a proposição de Lajolo (1996, p. 6) na máxima que diz: “Um livro didático não pode construir seus significados a partir de valores indesejáveis”.

O eixo em destaque apresenta atravessamentos geracionais, trabalhistas e sexuais no contexto do público jovem, adulto e idoso, vemos na sala de aula, seja na mediação do livro didático, filmes ou outros artefatos culturais, que o próprio território da EJA é um ambiente propício para a aproximação e o fluxo de experiências entre gerações. Nesse espaço, os afetos, desejos e experiências afetivo-sexuais podem despertar curiosidade ou servir como um espaço para relatos sobre HIV e aids, primeiros diagnósticos, convivência com familiares sorodiferentes, vergonha e preconceito. No entanto, isso não deve ocorrer apenas de forma passiva; é fundamental que os/as docentes dessa modalidade tenham o propósito de apresentar e instruir sobre os direitos das pessoas vivendo com HIV, como a lei antidiscriminação, benefícios como auxílio-doença e aposentadoria por invalidez,

---

<sup>7</sup> Produções de origem brasileira sobre o tema: Carta para além dos muros (2019) - <https://www.youtube.com/watch?v=qL9tE2FIny0>; Boa sorte (2014) - <https://www.youtube.com/watch?v=8PipFoYnIKM>; Os primeiros soldados (2022) - <https://www.youtube.com/watch?v=BIXLpoXZ4DQ>; 12º cinema mostra AIDS (2023) - <https://encurtador.com.br/O619F>.

sigilo no trabalho e médico quanto ao estado de saúde e quadro clínico, testagem obrigatória na relação de emprego e isenção do imposto de renda.

Por fim, ao abordar a temática do HIV e da aids, é fundamental discutir não apenas as implicações técnicas, jurídicas, médicas e sociais, mas também como essa questão está intrinsecamente ligada, em seus diferentes nuances ao direito à vida, ao respeito, à dignidade, à solidariedade, ao desejo e à vida sexual das pessoas afetadas. Sem perder de vista esses princípios, seguiremos para perceber melhor os desafios e preconceitos próprios de nosso tempo, promovendo uma abordagem que reconheça e respeite a integralidade dos direitos humanos, incluindo a qualidade de vida e a autonomia de cada indivíduo.

### **Considerações finais**

Durante nosso processo investigativo, estivemos atentos às implicações dos Estudos Culturais em Educação em relação às produções cinematográficas, com foco nos filmes *Filadélfia*/*E a vida continua*. Buscamos problematizar a indicação desses artefatos culturais para promover o debate sobre o tema HIV e aids no contexto da EJA.

Apoiado teórica e metodologicamente em estudos de base cultural, emergiram dois eixos de análise em nosso estudo: (1) O discurso científico: filmes para o Ensino de Biologia e suas representações; e (2) Diálogos com o público da EJA: atravessamentos geracionais, trabalhistas, sexuais. No primeiro eixo, encontramos nos filmes o discurso científico biologicista, que apresenta de maneira geral o tema ao falar sobre saúde e, estreitamente, sobre a doença, abordando o que é o vírus, sua transmissão, tratamento e sintomas da infecção. Esses elementos, por fim, complementam e atendem às exigências do currículo escolar. Observamos a reprodução de representações principalmente vinculadas à aids, como uma sentença de morte, em diferentes cenas e falas, discutidas sob a perspectiva da imbricação com o momento histórico e a discursividade científica das décadas de 1980 e 1990.

No segundo eixo, discutimos alguns diálogos com a potencialidade de se ter como indicações as produções cinematográficas investigadas direcionadas ao público da EJA. Notamos, assim, como protagonista um homem adulto homossexual que foi rechaçado de suas atividades profissionais devido ao HIV e a aids, sendo pressionado a confessar seu estado de saúde no âmbito do trabalho. Problematizamos o enredo a partir da perspectiva

de que muitos estudantes da EJA são também trabalhadores/as, buscando compreender como esses temas podem ressoar em suas experiências pessoais e profissionais.

Ainda nesse eixo, quanto ao público da EJA, percebemos que os diálogos sobre a sexualidade homoafetiva de um idoso têm a potencialidade de comunicar e apresentar aspectos do prazer, desejo e afeto, centrando-se nas questões geracionais e sexuais que podem ser evocadas. Por fim, destacamos a importância da valorização no campo educacional e o papel do/a professor/a, especialmente quando um dos filmes menciona a educação como fundamental para uma saúde coletiva efetiva. Esse filme pode servir como ponto de partida para a valorização do SUS no contexto brasileiro.

Assumimos, a partir de Fischer (1997), que tais produções cinematográficas são produtoras de formas especializadas, capazes de formar sujeitos, não escapando, assim, de uma função também pedagógica. Podemos deduzir que, diferente de outros filmes, esses específicos podem alcançar uma audiência maior composta por um público jovem, adulto e/ou idoso ainda em fase escolar, devido ao fato de estarem incluídos em materiais de educação formal nacionalmente distribuídos, mesmo que como indicações complementares ou extras no livro didático da EJA.

Já está estabelecido que a escola, por meio dos livros didáticos e de outras ações, é uma instituição que pode atuar na prevenção combinada, bem como disseminadora de informações e ser (re)produtora de conhecimentos sobre a temática HIV e aids. No entanto, é preciso colocar sob suspeita: como essas informações são representadas? A quem são endereçadas? Quais são as implicações na vida cotidiana dos sujeitos? Estes são questionamentos potentes para promover maior criticidade, seja nos currículos escolares ou nos múltiplos espaços educativos.

Para finalizar, e de acordo com o que é possibilitado pelo campo teórico que temos adotado e aproximado, assumindo que na educação temos o espaço para expressar através das artes, músicas e outras linguagens, nos inspiramos na canção de Cazuzza, "O Tempo Não Para". Em seu tempo, Cazuzza já cantava e denunciava uma sociedade baseada no moralismo e conservadorismo. Em uma das estrofes, lemos:

*Eu vejo o futuro repetir o passado*

*Eu vejo um museu de grandes novidades*

*O tempo não para*

*Não para, não, não para.*

Trazendo para o contexto de nosso estudo, observamos que escolhas foram feitas na indicação dos artefatos em suas formas de visibilidade, discutindo uma reprodução do passado em que o HIV e a aids eram predominantes. Entretanto, entendemos que há uma produtividade, tanto na contextualização desses filmes no momento atual quanto na mediação e aplicabilidade dessas produções, como no caso da modalidade EJA. Como Cazuza entendeu, "o tempo não para, não para, não", e assim temos a esperança de que, de maneira significativa, o crescente conhecimento científico sobre HIV e aids possa acompanhar representações mais atuais coladas ao vírus, que não sejam alicerçadas em sorofobia, preconceitos diversos, estigmas e desinformação. Pois, como a canção nos faz acreditar, a passagem do tempo é inevitável. Logo, esperamos novas possibilidades e formas de olhar e pensar as questões relacionadas ao debate sobre HIV e aids na escola e em outros espaços educativos.

## Referências

- ALTMANN, Helena. Orientação Sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais. *Revista de Estudos Feministas*. v. 9, n. 2, p. 575-585, nov. 2001.
- BARBOSA, Diogo José de Moraes Lopes; SCHULZE, Guilherme Barbosa. Ensino de cinema na educação básica: aspectos legais. *Revista GEARTE*, Porto Alegre, RS, v. 5, n. 2, ago. 2018. ISSN 2357-9854. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/gearte/article/view/83120>. Acesso em: 04 nov. 2021.
- BRASIL. Ministério da Saúde. *Boletim Epidemiológico: HIV/Aids I 2019*. Brasília: Ministério da Saúde, 2020. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2019/boletimepidemiologico-de-hivaid-2019>. Acesso em: 05 out. 2022.
- BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Ministério da educação – MEC, Brasília, 3º versão, 2017.
- BRASIL. Lei no 13.006, de 26 de junho de 2014. *Acrescenta o § 8o ao art. 26 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para obrigar a exibição de filmes de produção nacional nas escolas de educação básica*. Diário Oficial da União, Seção 1, de 27 de junho de 2014, p. 1. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2014/lei-13006-26-junho-2014-778954-publicacaooriginal-144445-pl.html>. Acessado em: 07 jan. 2022.
- BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais + Ensino Médio: Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias*. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/CienciasNatureza.pdf>. Acessado em: 07 de mar. 2023.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais*. Brasília: MEC/SEF, 1997.

Disponível em: <https://cptstatic.s3.amazonaws.com/pdf/cpt/pcn/volume-10-6-temas-transversais-orientacao-sexual.pdf>. Acessado em: 05 out. 2022.

CORRÊA, Lourdes Maria Campos. *Aids nos livros didáticos de Biologia: PNLEM 2007, PNL D 2012 e 2015*. 2017. 196 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017.

COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luis Henrique. Estudos culturais, educação e pedagogia. *Revista Brasileira de Educação*, n. 23, p. 36-61, maio./jul./ago 2003.

E A VIDA CONTINUA. Direção: Roger Spottiswoode. Produção de Sarah Pillsbury. Estados Unidos: *HBO*. 1993.

E A VIDA CONTINUA. *IMBD*. Disponível em: <https://www.imdb.com/title/tt0106273/>. Acesso em: 01 fev. 2022

FILADÉLFIA. Direção: Jonathan Demme. Produção de Jonathan Demme. Estados Unidos: TriStar Pictures, 1993.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O estatuto pedagógico da mídia: questões de análise. *Educação e Realidade*, Porto alegre, v.22, n.2, p.59-79, jul/dez. 1997.

HALL, Stuart. *Cultura e representação*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2016.

HALL, Stuart. *The work of representation*. In: HALL, Stuart (org.) Representation. Cultural representation and cultural signifying practices. London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage/Open University, 1997.

LAJOLO, Marisa. *Livro didático: um (quase)manual de usuário*. Em Aberto, Brasília, ano 16, n. 69, jan./mar. 1996. Disponível em: <https://emaberto.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/2368/2107>. Acesso em: 23 out. 2024.

MAGALHÃES, Joanalira Corpes. Gênero e ciência: analisando alguns artefatos culturais. *Exedra: Revista Científica*. Coimbra, n.1, p. 170-191. ISBN-e 1646-9526. 2014.

MARQUES, Youry Souza. *Corpo, gênero e sexualidade em um livro didático de Ciências da Natureza do PNL D/EJA 2014*. 2021. 215 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2021. DOI <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2021.612>. Acesso em: 01 jul. 2024

MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves. *Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições, p. 23-45. 2012.

PARKER, Richard; GALVÃO, Jane. Introdução: A omissão do poder público. In: PARKER, R.; GALVÃO, J. (org.). *Quebrando o silêncio: mulheres e AIDS no Brasil*. (História Social da AIDS, n. 7). Rio de Janeiro: ABIA-IMS/UERJ-Relume-Dumará, p. 3-8. 1996.

PARANHOS, Ronés de Deus; CARNEIRO, Maria Helena da Silva. Ensino de biologia para a educação de jovens e adultos – desafios para uma formação que proporcione o desenvolvimento humano. *EJA em Debate*, Ano 8, n.14, Jul./Dez. 2019.

PARANHOS, Ronés de Deus.; AVELAR, Lucas Martins de .; MASCIOLI, Cristina da Costa Krewer .; GUIMARÃES, Simone Sendin Moreira. . A educação de jovens e adultos no contexto da formação de professores de Biologia. *Revista Docência do Ensino Superior*, Belo Horizonte, v. 10, p. 1–19, 2020. DOI: 10.35699/2237-5864.2020.20389. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rdes/article/view/20389> . Acesso em: 1 nov. 2024.

RIBEIRO, Paula Regina Costa. *Inscrevendo a sexualidade: discursos e práticas de professoras das séries iniciais do ensino fundamental*. Tese (Doutorado em Bioquímica) Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. p. 125. 2002.

SITEPHEENO. *Rapper americano diz que Lil Nas X irá "contrair aids e morrer" em trecho de nova música*. 04 jan. 2022. Instagram: @sitepheeno. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CYSrhOAqpW1/>. Acesso em: 05 jan. 2022.

SANTOS, Luís Henrique Sacchi dos; MEYER, Dagmar Estermann; OLIVEIRA, Dora Lúcia de; WILHELMS, Daniela Montano. De que realidades "falam" os anúncios de prevenção ao HIV/AIDS?. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 30, n. 1, p. 141-167, 2005. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/rer/v30n01/v30n01a09.pdf> . Acesso em: 01 nov. 2024.

SILVA, Tomas Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: autêntica, p.152. 2005.

SILVA, Tomas Tadeu da. Os Estudos Culturais e o currículo. In: SILVA, Tomas Tadeu da. *Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 3.ed. Belo Horizonte, 2010.

Recebido em setembro de 2024.

Aprovado em novembro de 2024.